

# E-DEM O HOMEM DE BOTAS: VIOLÊNCIA NO MEIO RURAL E MELANCOLIA NOS CONTOS “A GAIOLA” E “O FRADE”, DE AUGUSTA FARO

AND HERE COMES THE MAN IN BOOTS: VIOLENCE IN RURAL AREAS AND MELANCHOLY IN THE NARRATIVES “A GAIOLA” AND “O FRADE”, BY AUGUSTA FARO

## **Fabianna Simão Bellizzi Carneiro**

Doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Brasil. Realizou estágio pós-doutoral em Letras na Universidade Federal de Uberlândia – Brasil. Professora da Universidade Federal de Catalão – Brasil.

E-mail: [fabiana\\_bellizzi\\_carneiro@ufcat.edu.br](mailto:fabiana_bellizzi_carneiro@ufcat.edu.br)

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8600-2765>



**RESUMO:** Este trabalho objetiva leituras crítico-analíticas dos contos “A gaiola” e “O frade”, que compõem a coletânea *A friagem* (1995), de Augusta Faro. Parte-se do pressuposto de que a melancolia, nas duas histórias, se deve ao agenciamento patriarcal, mantido pela postura arbitrária e autoritária do esposo e pai. No conto “A gaiola”, a protagonista (isolada em seu quarto) demonstra que tão pernicioso quanto estar encarcerada em uma casa é estar descentrada de si própria; ao passo que no conto “O frade”, o estado melancólico e a falta de perspectivas levam a personagem a cometer atos extremos. A metodologia pauta-se em leituras teóricas de textos de Sigmund Freud, Gerda Lerner, Jaime Ginzburg, Virginia Woolf e outros que serão devidamente referenciados.

**Palavras-chave:** Literatura Brasileira; Condição Feminina; Melancolia; Augusta Faro.

**ABSTRACT:** This present work aims at critical-analytical readings “A gaiola” and “O frade” that make up the collection *A friagem* (1995), by Augusta Faro. It starts from the assumption that melancholy, in both stories, are in regard to patriarchal issues, maintained by the arbitrary and authoritarian attitude of the husband and father. In the story “A gaiola”, the main character (confined in her room) shows that as harmful as being incarcerated in a house is to be separated of itself; while in the narrative “O frade”, the melancholic state and the lack of perspectives lead the character to commit extreme acts. The methodology is based on theoretical readings of works by Sigmund Freud, Gerda Lerner, Jaime Ginzburg, Virginia Woolf and others that will be eventually referenced.

**Keywords:** Brazilian Literature; Female Condition; Melancholy; Augusta Faro.

## 1 BREVES NOTAS INTRODUTÓRIAS

“Sempre fomos o que os homens disseram que nós  
éramos.”

Agora somos nós que vamos dizer o que somos.”  
Lygia Fagundes Telles

“A escrita das mulheres é um discurso de duas vozes  
que personifica sempre as heranças social, literária e  
cultural tanto do silenciado quanto do dominante.”  
Elaine Showalter

Augusta Faro, nascida na cidade de Goiânia no ano de 1948, publica sua primeira coletânea, *A friagem*, em 1995. Os enredos dos 13 contos, protagonizados por mulheres (alguns enovelados pelo viés do irreal ou do insólito), tocam em questões caras à inserção feminina em suas sociedades: a obediência ao marido, a loucura, o desejo sexual reprimido, o abandono, a velhice, o patriarcado. Ainda que em muitas narrativas sobressaia o ambiente típico das cidades do interior – sobrados antigos, ruelas e crenças regionais, Faro vai além do localismo ao destacar algo que aflige muitas mulheres em diferentes locais e sociedades: a psique deslocada de si, melancólica e resignada.

Resgatamos o cenário regional para darmos forma à hipótese que fundamenta este trabalho, a saber: nos contos “A gaiola” e “O frade” estaria a profunda melancolia das protagonistas vinculada à organicidade coronelista e patriarcal que ainda imperava? Em 1995, estávamos a uma década da Lei Maria da Penha (publicada em 2006), e a zona rural, em especial, carecia de um olhar com mais acuidade à questão feminina. O fato de os contos apresentarem histórias de tristeza e opressão sob uma perspectiva feminina torna-se bastante sintomático pois, durante longo período, as mazelas do meio rural eram expostas, no texto literário, por vozes

masculinas que tendiam a subjugar e rechaçar a posição feminina. Poucos autores conseguiram trazer à tona um tema necessário envolvendo as mulheres do meio rural: a violência, tanto a física quanto a psicológica.

Não há dúvidas de que não existem “níveis” ou graus de violência. Uma vez exposta a qualquer tipo de agressão, a vítima carregará marcas indelévels, sejam marcas corporais ou marcas de foro psicoemocional. Entretanto, se pouca atenção é dada à violência física contra as mulheres do meio rural brasileiro, menos ainda se fala da violência psicológica e de seus efeitos. Em algumas comunidades rurais, normas culturais e tradicionais ainda perpetuam a desigualdade de gênero, legitimando assim a violência contra as mulheres. Atitudes arraigadas ao longo do tempo criaram uma aceitação tácita da violência, tornando-a parte da dinâmica social. Muitas mulheres, inclusive, sequer sabem que sofrem violência psicológica, e uma das explicações para isso reside na própria estrutural patriarcal rural: “[e]sse tipo de violência tem como pano de fundo as assimetrias de poder no âmbito familiar, assentado em um modelo de sociedade patriarcal hierárquico” (LEITE *et al.*, 2017, *apud* CARVALHO, 2019, p.167).

Em “A gaiola”, a narradora não se dirige ao “meu esposo”, mas ao “homem de botas” (FARO, 2001, p.22) que vinha chegando e trazendo medo e assim aumentando ainda mais seu estado depressivo e melancólico. No conto “O frade”, embora não se tenha um monólogo ou o tom intimista, o arco narrativo também aborda a violência contra as mulheres, bem como o medo, a tristeza e o silêncio forçado. Lançar luzes a um tema voltado às mulheres do meio rural, justifica a escolha temática deste trabalho na medida em que as mulheres têm buscado emancipação cada vez

mais e a arte, em especial a arte literária, não se isenta de retratar esse cenário conforme podemos a seguir atestar através da leitura crítico-analítica dos contos supracitados.

## 2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E ANALÍTICOS

No texto “Luto e melancolia” (2010), Sigmund Freud tenta elucidar a natureza da melancolia comparando-a com o afeto natural do luto. Freud observa que o luto é uma reação à perda de um ente querido ou de uma abstração, como perda da liberdade ou de um ideal; ao passo que a melancolia se caracteriza por um abatimento ou desinteresse pelo mundo exterior. Embora desencadeiem sentimentos comuns, uma vez que ambos levam uma pessoa ao profundo abatimento; dores emocionais; desinteresse social a melancolia se agrava na medida em que leva a pessoa a desenvolver uma espécie de autopunição.

A partir da breve menção ao texto de Freud (2010), tecemos análises preliminares do conto “A gaiola”. Em linhas gerais, temos uma narradora em primeira pessoa que descreve sua vida desde a juventude até seus momentos derradeiros. Sem nome definido, a mulher detalha em pormenores seus árduos dias trancafiada dentro de casa e entregue ao trabalho doméstico, aludindo o espaço da casa a uma gaiola, conforme notamos no primeiro parágrafo do conto:

Porque minhas tranças estavam macias e lustrosas, a pele de meu rosto sabia a fruta veludosa, fresca e furta-cor, deitei-me naquele dia sob a telha de vidro da gaiola, na longa rede cheirosa de sabão preto feito em casa mesmo.

Foi esse o início de um destino esquerdo, que me marcou a testa a fogo e me fez arrastar uma banda do coração como um toco de carne empedrado pela vida afora. (FARO, 2001, p. 21)

O pequeno excerto acima já destaca o vetor da melancolia que atravessa a narrativa do início ao fim, afinal conforme bem metaforiza a narradora, desde o dia em que ela se deita sob a telha de vidro “da gaiola” sua vida se estagna como “toco de carne empedrado”. Essas figuras de linguagem nos levam, novamente, aos estudos de Freud (2010) quando o autor aponta que embora luto e melancolia apresentem os mesmos traços, há um em especial que os afasta: “O melancólico ainda nos apresenta uma coisa que falta no luto: um extraordinário rebaixamento da autoestima, um enorme empobrecimento do Eu. No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio Eu” (FREUD, 2010, p. 130). O empobrecimento do Eu, na melancolia, é tão exacerbado, que o melancólico se sente incapaz e indigno perante seus familiares, a ponto de desenvolver o que Freud (2010) nomeia como “delírio de pequenez moral”, combinado com sintomas como insônia, recusa de alimentação e desapego à vida. Tal se evidencia no conto através de uma marcada plasticidade, em que novamente as figuras de linguagem, imiscuídas ao ambiente opressor, reforçam o estado melancólico da protagonista:

Daí mais um pouco fui embranquecendo os fios do cabelo da fronte, e meus olhos acharam por bem esburacarem-se parecendo por fim a dois lagos meio verdes meio azuis, esfumados pela neblina que saía da chaminé daquela casa onde, à beira do fogão, encostei meu umbigo temperando as sopas dos meninos e pondo o leite para ferver [...]. (FARO, 2001, p. 21)

Sob o ponto de vista da Psicanálise, entendemos que a pessoa melancólica se desloca de si, no entanto podemos ir além ao perscrutarmos o porquê certas situações levam uma pessoa à melancolia. O conto “A gaiola” intercepta uma “lei” informal que durante anos conduziu a vida das mulheres do campo: a lei do patriarcado, e aqui tecemos um breve percurso histórico a respeito do patriarcado e como ele moldou e agenciou a vida das mulheres por mais de três mil anos.

Em *A criação do patriarcado* (2019), Gerda Lerner destaca que no Período Neolítico controlava-se o comportamento sexual das pessoas como exercício do poder social. Essas sociedades, baseadas na agricultura, exigiam das mulheres procriação e cuidado dos bebês pois essas crianças seriam arregimentadas como força de trabalho na lavoura. Também nesse período, as mulheres eram compradas ou trocadas por terras. O período mesopotâmico (segundo milênio a.C.) reforça ainda mais a nefasta “doação” de mulheres como garantia para aquisição de terras, bem como “venda” de meninas a fim de fornecerem auxílio econômico para famílias pobres: “O produto desse comércio de mulheres – preço de noiva, preço de venda e filhos – era controlado pelos homens. Pode, portanto, representar os primeiros casos de acúmulo de propriedade privada” (LERNER, 2019, p. 262). Lerner ainda sublinha que nesse período as mulheres são comercializadas, principalmente, por causa da capacidade reprodutiva. Vê-se, portanto, o germe da violência de gênero que perdurou nas sociedades patriarcais uma vez que às mulheres cabia o papel de serem trocadas e comercializadas; ao passo que aos homens cabia o papel de executores desse “comércio humano”. Tal pode, sob vários aspectos, explicar o *modus operandi* de dominação do corpo feminino.

Há uma passagem no conto “A gaiola” que mimetiza o aspecto sexual e maternal que cabia às mulheres das sociedades neolíticas acima destacado por Lerner, em especial quando a narradora lamuria que sua bisavó a ensinara que precisava alimentar seus filhos com leite de cabra, pois as mães se secam muito cedo, “[...] por dentro e por fora de tanto arrancarem pedacinhos de carne e sustança do suco de ossos e sangue para sovar o dia do marido que e-vem chegando, levantando a voz como se nascesse rei e o bando de filhos seus primeiros súditos” (FARO, 2001, p. 22).

Esses papéis de gênero estritamente definidos (ARBOIT, 2018) se apresentam muito bem elucidados, no conto, na própria rotina familiar. Diariamente, quando “o homem de botas” chegava para o almoço, a comida já deveria estar posta na mesa de ferro branco, em travessas areadas e acompanhadas por um vinho. Vê-se a invisibilidade e silenciamento da narradora até mesmo nas simples execuções: ninguém poderia fazer barulho durante as refeições pois o marido precisava ouvir seu próprio mastigar durante seus pensamentos sérios,

[...] porque só ele quem pensava na casa e o resto era gente feita de barro duro e mole, mas que de alguma forma servia-lhe para ajeitar a cama, a mesa, o banho e as necessidades mais urgentes, porque as derradeiras podia arrumar nalguma esquina, de preferência naquelas casas onde as moças nem eram tristes nem eram alegres, mas deitavam tendo sempre um perfume adocicado nos dedos cheios de anéis de pedras [...]. (FARO, 2001, p. 23)

Em “A gaiola”, até mesmo a rede de apoio que poderia socorrer a protagonista padece do mesmo mal das antepassadas, ou seja, mantém-se a herança social de um passado

marcado por violência psicológica e a mesma subserviência aos maridos (o homem de botas que “e-vem chegando”) durante várias gerações, como podemos atestar: “Minha mãe, por ser morena como uma índia, nunca dormia e feita de sereno não cansava de trabalhar nas tarefas de agulhas [...]. Ela até se misturava com o sol, que nascia e que entrava, não parando a sua labuta, a não ser por poucas horas [...]” (FARO, 2001, p. 23-24).

No conto, o ano e o local em que se passa a história são indefinidos. Ademais, o ano da primeira publicação da coletânea é de 1995, período em que ainda não se abordava como hoje a violência contra as mulheres. Embora a violência se mantenha, independentemente do local em que a mulher esteja, há que se admitir que no campo algumas questões se acentuam, como desamparo financeiro, pouca capilaridade da atenção básica de saúde, acesso limitado aos meios de comunicação e canais de denúncia, o isolamento geográfico e a distância em relação às zonas urbanas, escamoteando ainda mais o problema da violência contra as mulheres no meio rural. Conforme observa Jaqueline Arboit (2018, p. 510): “[a] submissão das mulheres rurais e a consequente suscetibilidade destas à violência doméstica se dão especialmente pela pobreza, pela cultura patriarcal e por papéis de gênero estritamente definidos”.

Voltando à narrativa, a narradora observa que naquele atropelo não sabia mais se ela era aquela moça de tranças lustrosas ou aquela senhora que aparecia no retrato oval da parede, de xale preto e muito escuro “lhe tapando o olhar e de fora os beiços que mais se afinaram, porque pararam de rir antes da hora” (FARO, 2001, p. 22). Novamente, o descentramento e descaso de si (afinal a moça nem sabia mais quem era) reforçam seu estado melancólico. Não obstante, ainda que a moça

estivesse vivenciando todo o desânimo próprio da tristeza e melancolia, ela consegue se compadecer da dor das outras mulheres ao seu redor, inclusive das mulheres que prestavam serviços sexuais ao seu marido e que também tinham seus momentos de melancolia quando chegavam em casa e estragavam os anéis que usavam, “[...] pois muitas vezes quando lavavam roupa dos filhos se esqueciam de tirá-los e deixá-los sobre a mesinha-de-cabeceira junto ao chá de erva-cidreira, que é minguador do nervoso de cada dia” (FARO, 2001, p. 23).

O “minguador nervoso de cada dia” reforça o traço memorialístico também muito presente no conto. A narradora mostra que o correr do tempo, “[...] tecendo um rendado feito as cortinas costuradas nas janelas da sala de visitas [...]” (FARO, 2001, p. 23), acentuara ainda mais sua invisibilidade perante o marido e conseqüentemente sua melancolia: “E minha voz, que já pouco falava, foi emudecendo de fora para dentro e no que mais emudeci, perdi o jogo da cintura e o gosto da língua” (FARO, 2001, p. 23).

Virginia Woolf em *Mulheres e ficção* (2019) destaca que durante o século XVIII as mulheres escreviam quase tanto quanto os homens, porém pouco apareceram. Woolf (2019) ainda salienta que as respostas para tal fato, infelizmente, têm se apagado na memória de pessoas mais antigas ou talvez estejam esquecidas em velhas gavetas, diários e naqueles espaços da história em que a produção feminina foi se apagando:

A história da Inglaterra é a história da linha masculina, não da feminina. De nossos pais sempre sabemos alguma coisa, um fato, uma distinção. Eles foram soldados ou foram marinheiros; ocuparam tal cargo ou fizeram tal lei. Mas de nossas mães, de nossas avós, de nossas bisavós, o que resta? Nada além de uma

tradição. Uma era linda; outra era ruiva; uma terceira foi beijada pela rainha. Nada sabemos sobre elas, a não ser seus nomes, as datas de seus casamentos e o número de filhos que tiveram. (WOOLF, 2019, p. 10)

Embora Woolf (2019) aborde o contexto inglês, algo parecido ocorreu em outras partes do mundo. No caso de países que estiveram sob o jugo colonial, como o Brasil, a produção literária canonizou obras escritas por homens. Poucas foram as escritoras brasileiras que conseguiram alguma projeção e mais estreita ainda foi a projeção de escritoras em terras goianas. A própria crítica literária se exime da questão, conforme se observa em entrevista dada por Gilberto Mendonça Teles (2009, p. 232) sobre o cânone goiano:

Num possível cânone goiano eu inseriria o Hugo de Carvalho Ramos em primeiro lugar, com Tropas e Boiadas; ele é o grande escritor da inclusão de Goiás no cânone literário brasileiro [...] depois do Carvalho Ramos, eu diria que é o Bernardo Élis, com Ermos e Gerais, de 1944; [...] e, a seguir, Eli Brasiliense (com o seu Pium) por causa do seu esforço em construir em Goiás uma identidade literária com o romance. Agora, com relação à poesia, acho que nosso grande autor – que o próprio goiano não conhece, às vezes lê um e outro poema, mas não vê a beleza que foi a obra de Antonio Félix de Bulhões, contemporâneo de Castro Alves. Ele exerceu também atividade política importante, ajudando na emancipação dos escravos. [...] Outro poeta que deveria ser estudado é o Leo Lynce, sem dúvida alguma, grande e importante poeta goiano. De lá para cá – quer dizer, o Leo Lynce é de fins da década de 1930 –, houve também o José Godoy Garcia, o Afonso Félix de Sousa e, claro, a Cora Coralina que todo mundo

louva, mas ninguém estuda e, quando por acaso o faz, derrapa na maionese [...]

Se criarmos um paralelo entre o excerto acima e os questionamentos de Virginia Woolf, teríamos perguntas do tipo: não houve escrita feminina em Goiás? Não tivemos mulheres que escreveram sua história sob seu ponto de vista? As respostas serão também muito próximas às de Woolf uma vez que muitas produções femininas foram esquecidas. Assim como na Inglaterra, também em solo brasileiro a história de formação do país é voltada para a linha masculina, conseqüentemente a produção literária não apenas exaltou a escrita dos homens, bem como pôs em relevo questões próprias do universo masculino, afinal “[...] a natureza da arte depende do que acontece no contexto histórico, econômico, social, de classe ou de dominação, em que está situado o artista ou escritor” (COELHO, 1993, p. 15).

Faz pouco tempo que as escritoras entraram para as prateleiras das livrarias brasileiras, o que quer dizer que temas do universo feminino eram abordados pela ótica do homem. As poucas escritoras que conseguiram romper as barreiras do cânone masculino, precisaram usar subterfúgios como pseudônimos ou então tiveram que falar de suas agruras escamoteando a realidade por meio de fantasmas, monstros ou espaços aterrorizantes – a produção gótica inglesa de autoria feminina nos dá provas disso através da produção de autoras como Clara Reeve (1729 - 1807), Ann Radcliffe (1764 - 1823) e Mary Shelley (1797 - 1851), apenas para citar alguns nomes, que também se nota no conto de Faro

Retomando o conto, vemos que até mesmo na doença a protagonista se exige, a ponto de não

poder se mexer muito na cama pois os ferimentos de seu corpo poderiam cair no chão e sujar o assoalho. Nesse momento, a narradora entrega-se à total melancolia, reforçada pelo fato de que se antes sentia-se pouco valorizada no seio familiar, tal se evidencia ainda mais em sua velhice: “Pouco é a minha valia e serventia agora e, por isto, passei a ficar no escuro [...]” (FARO, 2001, p. 23).

Conforme visto em parágrafos anteriores, os estudos freudianos destacam que o paciente melancólico carrega traços de baixo autoestima, ao que podemos acrescentar algo próprio dos sistemas patriarcais do meio rural: a resignação. As últimas passagens do conto mostram a protagonista agonizando em seu quarto e ciente de que mesmo nos momentos finais não adiantaria reclamar de dor, pois ela não era ouvida. As pessoas da casa ainda perguntavam, uma ou outra vez, se ela precisava de ajuda, “[...] e quem perguntava nem sabia se haveria resposta ou estava com pressa, já fechava a porta atrás de si, e nem que eu gritasse não ouviria mesmo. Mas eu não gritava nunca, aliás, pouco gritei enquanto mais forte” (FARO, 2001, p.24).

É um espelho, pendurado na parede do quarto, que assinala o momento catártico do conto. Maria Vitoria Bittencourt no capítulo “As lágrimas de Maria” (2002) sugere que as lágrimas de uma pessoa melancólica podem servir ao propósito de esta pessoa não querer se ver. Curiosamente, em “A gaiola”, é o espelho que faz com que a protagonista consiga se ver, pela última vez, e constatar o “[...] jeito de quem veio errado viajar no mundo” (FARO, 2001, p. 24). A partir desse ponto, a narrativa volta-se para as futuras gerações. Ainda pela voz da narradora, vê-se que as moças sucessoras conseguem romper o silenciamento que reinou por várias gerações e finalmente reescrevem

uma nova história e uma nova identidade, tendo em vista que “a identidade não é um elemento colocado a priori. Ela se estrutura através da interação do sujeito com a sociedade” (ZINANI, 2013, p. 58).

Essa nova sociedade que se forma, no conto, traz mulheres que conseguem ter muito mais voz, que reconhecem suas ativas posições e que, metaforicamente abrem as gaiolas das gerações vindouras e “piam” muito alto, rompendo um ciclo de tristeza, melancolia e violência, conforme notamos no parágrafo que encerra o conto:

O espelho ainda está lá pendurado, mas as janelas abriram e as moças, filhas das filhas que carreguei no ventre, se olham nele mas não abaixam as pestanas, nem calam a boca. Pelo contrário, falam muito umas com as outras e com os homens lá delas. Até que não me preocupo mais, quase nem é preciso, porque essas moças abriram as portas e janelas, arejaram a casa e nem todas vão se deitando sob a telha de vidro enluarado nem ficam encantadas feito bonecas de louça quando lhes alisam os cabelos e os pelos. Elas abriram todas as janelas e vejo que o sol entra com vontade, deixando um rendado nas tábuas, de modo que os piados delas são fortes o bastante para que não as fechem na gaiola nem a dependurem no caibro mais alto da varanda, igual foi acontecendo comigo e muitas mulheres de minha geração e de muitas outras gerações antes de eu nascer. (FARO, 2001, p. 25)

Tanto no conto “A gaiola”, como no conto “O frade”, a melancolia marca a vida das duas protagonistas, proveniente da violência à qual estão submetidas. Nos dois contos, vemos mulheres que carregam a insígnia da menos-valia e da culpa, o que aliás é muito próprio de quem agride: fazer com a vítima se sinta em

posição inferior, levando-a muitas vezes a se sentir “merecedora” da agressão. No entanto, no conto “O frade”, a violência física se faz mais presente, a começar pelo fato de a protagonista ser uma menina órfã – a mãe morreu em consequência das agressões físicas causadas pelo marido.

De forma resumida, “O frade” apresenta a história de Eulália, filha de um feminicida. Assim como em “A gaiola”, o conto “O frade” possui aspectos rurais – o pai de Eulália é um poderoso fazendeiro que impõe suas regras sob a égide do coronelismo. Além disso, a sociedade retratada na história é muito afeita ao catolicismo, inclusive atribuindo à falta de fé na vida de Eulália a verdadeira razão pela sua melancolia: “Ninguém soube dizer como começaram os ataques de apatia e a forma de desligamento. Muitos diziam ser isso o resultado de ter ficado anos e anos pagã, sem ao menos uma gota de água benta ter-lhe pingado na cabeça e sem provar o sal consagrado na língua” (FARO, 2001, p. 139). Ao longo da história podemos acompanhar os momentos de agressividade do pai contra a moça. A história encerra-se com uma trágica ocorrência, quando Eulália atenta contra a própria vida.

Ainda no terreno comparativista, ao contrário do tom monológico do conto “A gaiola”, em “O frade” o cruzamento de várias personagens seguido por uma sequência de ações intercaladas, promove outros debates e um deles é o tema da fragilidade psíquica. Eulália, personagem principal, nos é apresentada como moça apática e descentrada de si. Sempre ao meio-dia, com olhar fixo, sentava-se em frente a uma parede coberta por plantas, às vezes arrulhando como uma pomba ou cantando como as noviças de um convento próximo.

Conforme se desenrolam as primeiras passagens do conto, entretantes, é fornecido ao leitor o fato de que a tristeza da menina poderia ser proveniente da rudeza do pai e não por causa de questões psíquicas: “Havia também os que falavam ser esse o comportamento da mocinha por ter sido educada por um pai rude e contador de moedas, dono de terras e gentes, possuidor de coração bruto e duro [...]” (FARO, 2001, p. 139). Na sequência, o leitor tem a certeza de que a tristeza da menina se deve por causa da atuação do pai rude, violento e feminicida: “Outros comentavam, ainda, que, quando a mãe morreu vítima de cem correadas contadas, daquele pai usador de tamancos em casa, [...], desde a época do falecimento da mãe, Eulália deu para ter uns tiques nervosos e o modo de ser meio lá meio cá” (FARO, 2001, p. 140). Para sanar qualquer dúvida, o pai decide enviar Eulália ao médico da cidade que assim diagnostica a menina:

Não foi chegada a nenhuma conclusão e a nenhum diagnóstico. Isso foi comentado por todo lado, porque a moça longe de casa se comportou normalíssimamente, outra jovem de seus anos não seria diferente. Respondeu com muita lucidez a tudo que lhe interrogaram e ninguém conseguiu achar possível fosse aquela moça portadora de rara doença, desequilibrada ou com algum retardo mental. (FARO, 2001, p. 142)

Após Eulália retornar da clínica médica, o narrador tem a certeza dos motivos da extrema tristeza de Eulália: “Talvez a puberdade, a carência absoluta de afago e carinho a solidão atroz daquele sobrado enorme e silente, na quebradura da rua, [...], o isolamento imposto pelo pai – tudo isto acarretara uma tristeza de uma fundura sem medida e sem descrição”

(FARO, 2001, p. 142), e nesse ponto nos detemos um pouco mais no papel do narrador e no próprio procedimento narratológicos notado em “O frade”.

Ao analisar a violência na literatura, Jaime Ginzburg (2012) atenta para o fato de que certos procedimentos são recorrentes em narrativas que trazem o tema da violência, como imagens de excesso e intensificação, elipses, escolhas lexicais, repertório de leituras prévias do leitor, entre outros. Porém, esses elementos não entregariam o efeito esperado sem a postura do narrador, que imbricado com a contextualização histórica, pode fornecer o devido planejamento sobre literatura e violência: “O narrador delimita a perspectiva: por meio dele, ficamos sabendo dos acontecimentos em uma história. É dele o ângulo pelo qual conhecemos os episódios relatados” (GINZBURG, 2012, p. 30-31). O narrador do conto “O frade”, embora consiga manter a distância própria de narradores que sabem das ocorrências, mas não fazem parte da trama, consegue expor os atos de violência de tal forma que o leitor implícito facilmente consiga inferir que a causa de toda melancolia de Eulália se deve à violência estrutural, própria dos sistemas patriarcais.

Ainda trazendo os estudos de Ginzburg (2012, p. 22), devemos observar se o narrador consegue nos trazer a consciência crítica do que está ocorrendo e se ele se importa com o que está relatando sem frieza ou indiferença: “Como leitores, somos desafiados a ter senso crítico para não aderir à abordagem preconceituosa de legitimação da agressão exposta pelo narrador.” De tal monta é a importância do narrador, para Ginzburg (2012), a ponto de fazer com que a narrativa ganhe um salto de articulação da estética com a ética, principalmente porque muitas vezes a vítima não tem condições de relatar de modo

completo o que aconteceu, ou não sabe quem a agrediu, cabendo ao narrador o papel de condutor rumo à verdade dos fatos.

Quanto à contextualização histórica, esta, juntamente com o papel do narrador fomenta o senso crítico necessário não somente à leitura literária que contenha elementos de violência, mas à leitura literária de uma forma geral. Sublinha-se que durante a leitura do conto “O frade”, nem todos os leitores possuem prévio conhecimento histórico do agenciamento de sociedades patriarcais. A solução, possivelmente, esteja no exame dos discursos hegemônicos presentes nas condições de produção de uma obra, ou seja, deve-se olhar para o contexto violento e para o processo histórico, “e em articulação direta com esses processos, podemos examinar a ideia de culturas melancólicas, em que obras de arte se pautam por dor e tristeza, em diálogo direto com a incapacidade das sociedades de interromperem suas escaladas de destruição” (GINZBURG, 2012, p. 13).

Essa estrutura repressora e violenta, revisitada no conto “O frade”, é que explica não apenas a melancolia de uma pessoa, mas de uma sociedade pautada no coronelismo. Herança de nosso passado colonial e de nossa estrutura agrária ainda visível no interior do Brasil, “o coronelismo é sobretudo um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público, progressivamente fortalecido, e a decadente influência social dos chefes locais, notadamente dos senhores de terras” (LEAL, 2012, p. 44).

A sociedade retratada no conto “O frade” (assim como tantas outras sociedades que guardam as peias do passado coronelista)

ainda reproduz um pouco do *ethos* que prevaleceu no campo durante muitos anos, quando o fazendeiro-coronel (assim intitulado não por ter formação militar, mas pelo seu poder latifundiário) estendia seu domínio a todos que estavam ao seu redor: esposa, filhas, funcionários. O conto também tangencia uma pernicioso tríade mantida durante muitos anos nas sociedades patriarcais: a esposa e filhas submissas, a mulher escravizada e a mulher concubina, que podem ser lidas, respectivamente, através da esposa assassinada e da filha Eulália; da funcionária Isolina e da amante do coronel, a “amancebada desde o tempo da mulher viva” (FARO, 2001, p. 144)

Após a morte da mãe, Eulália fica sob os cuidados da funcionária da casa, Isolina, “[...] tida pelo povoado inteiro como a melhor mandingueira de um quadrado de sertão maior que o maior dos mares” (FARO, 2001, p. 140). Descrita de forma preconceituosa e racista, a presença de Isolina ressalta um importante debate sobre o preconceito religioso, principalmente contra religiões de matriz africana. Durante muitos anos (e ainda recentemente), o senso comum atribuiu maldade e más ações às religiões brasileiras de matriz africana, ao passo que a umbanda nada mais é que uma religião sincrética: “Chamada de “a religião brasileira” por excelência, a umbanda juntou o catolicismo branco, a tradição dos orixás da vertente negra, e símbolos, espíritos e rituais de referência indígena, inspirando-se, assim, nas três fontes básicas do Brasil mestiço” (PRANDI, 2014, p.223).

Vista como “mandingueira e macumbeira<sup>1</sup>”, Isolina é uma metáfora da dinâmica do período

<sup>1</sup> Deve-se esclarecer que a palavra macumba “é utilizada de forma racista para nomear as oferendas aos orixás, nas religiões de matrizes africanas, associando-as a algo ruim. A macumba, em verdade, é um instrumento de percussão de

colonial, que relegava às mulheres escravizadas o papel de total servidão à família do senhor. No período colonial, as escravizadas agarravam-se à religião como forma de salvação e refúgio dos desmandos e injustiças cometidas contra elas. Além disso, Isolina também é um reflexo do próprio pensamento da elitizada sociedade colonial, que atribuía às pessoas escravizadas rebeldia e insolência caso não seguissem as ordens determinadas, o que muitas vezes poderia ser até mesmo uma forma de salvarem suas vidas e ainda se libertarem: “Negar-se a trabalhar, responder para seus senhores e provocar pequenos prejuízos tornaram-se estratégias de mulheres negras escravizadas para desvalorizar o próprio preço” (QUEIROZ, 2017, s/p).

Destaca-se, portanto, toda a complexidade da personagem Isolina. Ao traçarmos, ainda que de forma superficial, seu perfil psicológico, vemos que Isolina também guarda melancolia, reverberada através das maldades que comete. Eulália nada havia feito contra Isolina, mas esta remoía uma raiva antiga da moça, que pode ser vista em passagens do tipo: “Percebeu que, além de estar ficando uma mocinha bem bonita, Eulália não era nem boba nem louca” (FARO, 2001, p. 142). Isolina pensou em envenenar o leite da mocinha, mas recuou pois não teria como explicar o fato ao patrão. Decide, então, envenenar o cachorro de Eulália. A moça, de tanto chorar, fez um “reguinho d’água” a descer as escadas da casa, contornar a rua e atingir o túmulo de sua mãe. Não demorou muito para que as pessoas atribuíssem poderes milagrosos às lágrimas de Eulália, tanto assim que muitos apareceram à

porta de sua casa suplicando e pedindo cura de suas doenças.

Frisa-se, então, o quão ardilosa e doente é a sociedade patriarcal, ao colocar em oposição a empregada maldosa e “mandingueira” *versus* a mocinha católica e curadora. Essa pernicioso dualidade é reforçada com a entrada da amante do coronel, uma “dona com um lanhado no rosto, do lado esquerdo, a boca muito pintada de vermelho e que andava estalando inteira” (FARO, 2001, p. 144). As pessoas diziam que o coronel “enroscou-se” com a moça por causa dos seus estalos: “Tal engodo e enrolo nem as feitiçarias de Isolina deram cabo. Ninguém falou noutra coisa por muito tempo: no milagre das lágrimas de Eulália e nos estalos da viúva que morava com o coronel” (FARO, 2001, p. 145).

Naturalizou-se, no agenciamento da sociedade patriarcal, que o homem, desfrutador da posição de poder, exerça o que Saffioti (1987) denomina de “função de caçador”. Nesse caso, o homem busca prazer fora de casa, ao passo que à esposa cabe o papel de mantenedora dos afazeres domésticos, conforme visto no conto “A gaiola” e agora no conto “O frade”. Neste conto, a relação do coronel com sua amante delimita muito bem o papel do caçador em busca da presa, afinal “Para o poderoso macho importa, em primeiro lugar, seu próprio desejo. [...] Para o macho não importa que a mulher objeto de seu desejo não seja sujeito desejante. Basta que ela consinta em ser usada enquanto objeto” (SAFFIOTI, 1987, p. 18).

Essa tríade: a mocinha passiva; a funcionária rancorosa; a amante objeto de desejo, associada à atuação do coronel feminicida e

---

origem africana, semelhante ao instrumento réco-réco” (TORINHO, 2022, p. 16). A pesquisa de Francis Solange Vieira Tourinho sobre palavras racistas apresenta-se em: *Tire o racismo do vocabulário*: glossário de palavras racistas e suas substituições.

predador, demonstra que há, sim, uma situação patológica ligada à uma sociedade melancólica. Além do mais, para o homem manter e exercer seu domínio na composição patriarcal, se faz necessária uma estranha simbiose, na qual o grupo subordinado (esposa, filhas, empregadas, amantes) tem sua vida e ações moldadas pelo dominador. Tal simbiose funciona porque é amalgamada por uma espécie de “cooperação”, na qual às mulheres cabe aceitação de seus papéis “em troca” da submissão (mitigada pela falsa proteção) e do trabalho não remunerado (mitigado pela falsa manutenção), que seria uma forma do patriarcado ser relido como “dominação paternalista” (LERNER, 2019). Sobre essa cooperação, Lerner (2019, p. 267) nos assegura que ela ainda se dá por outros meios:

Eulália ouviu aquilo tudo escondida na despensa. Calada. No filete de luz, deu para ver a caveirinha com a cruzeta de ossos por baixo. Sempre soube que era lata de soda, para fazer sabão. Agora ela iria usar para remédio. Ia dar um jeito em tudo de uma vez. Sarar de tudo. Desde sua solidão até a língua de Isolina, ia acabar com a pose do pai, as ausências do cabo Anastácio, a saudade da mãe. Tudo teria remédio. Tudo seria moído sem dó, de uma vez até virar pó. Ela iria descansar de tanta zoeira, tanta tribulação e conversa. Foram dois tragos bem medidos somente, e queimou-lhe as tripas, ferventou a goela e o cano que desce dela. Quando o pai chegou, ela cuspiu sangue e o bolo do ventre latejava.

– Não morro não, ô, gente! Não quero morrer hoje! Me acode, gente, acode eu! (FARO, 2001, p. 146-147)

Indubitavelmente, o ato extremo de Eulália não justifica absolutamente nada, mas nos leva a refletir sobre a subordinação das mulheres ao

pensamento hierárquico e dominante, próprio do sistema patriarcal, que infelizmente atinge mulheres como Eulália, Isolina, a amante, e tantas outras hodiernamente. Algumas mulheres conseguiram dar um basta a esse *status quo*. Outras, infelizmente, adoeceram, caíram em melancolia, foram assassinadas ou agiram como Eulália. Nem mesmo na religião Eulália conseguiu buscar consolo. A presença do frade, ironicamente o título do conto, somente se faz notar nos últimos parágrafos da história, quando ele é chamado para dar a bênção final à moça. Após isso, não se sabe que fim levou o frade, que ainda presenciou os minutos derradeiros ao ouvir Eulália “[...] tossir sangue e falar do amado” (FARO, 2001, p. 149).

Finalizamos com Lerner (2019,279), para quem fugir do pensamento patriarcal significa criticar pressupostos e valores de ordem, superar e atacar resistência sedimentada, ser crítica quanto ao próprio pensamento (muitas vezes moldado na tradição patriarcal), em suma: “O pressuposto básico deve ser que é inconcebível para qualquer coisa ocorrer no mundo sem que as mulheres estejam envolvidas, exceto se tiverem sido impedidas de participar por meio de coerção e repressão”. Não se trata de um movimento simples e rápido. Talvez virão muitas gerações para construção de um mundo livre do pensamento patriarcal, mais humano e menos melancólico.

Podemos dirimir esse pensamento arraigado ao fomentarmos debates e discussões a partir da leitura literária. Ainda que a literatura não forneça uma solução objetiva para a questão da violência contra as mulheres, sabemos que falar sobre, exteriorizar dores e resgatar histórias como a da moça “engaiolada”, de Eulália, Isolina e tantas outras, pode servir como exemplo, afinal ver-se na história de

outra pessoa mobiliza o primeiro ato de coragem que é o de falar.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo partiu da premissa de que a melancolia exposta pelas protagonistas dos contos “A gaiola” e “O frade” se devia às figuras de homens que detinham poder sobre as mesmas do meio rural. Iniciamos nossas análises com estudos de Sigmund Freud (2019) para melhor avultarmos, nos dois contos, mulheres aniquiladas e destituídas daquilo que seria mais precioso para uma pessoa: o autodomínio. Diferente do luto, em que a pessoa sofre a perda de um ente querido; na melancolia sofre-se a perda de si. Esse descentramento faz com que a pessoa melancólica se autodestrua, pois quando questionada por tanto sofrimento não se exime de atribuir a “culpa” a si própria.

Vimos, nos contos, mulheres duplamente agredidas: pelo marido/pai e por si. No conto “A gaiola”, a protagonista chega a um nível tão elevado de autodestruição a ponto de não se permitir mexer-se na cama pois suas chagas poderiam “sujar” o assoalho do quarto. Em “O frade”, Eulália se sente tão culpada a ponto de atentar contra sua própria vida.

Este trabalho não pretendeu exclusivamente traçar linhas comparativistas entre as duas histórias, todavia alguns pontos de contato empreenderam importantes discussões, como o papel do narrador. Assim, de forma a melhor atestarmos nossa hipótese, inquiremos outros elementos narratológicos quando então

conduzimos um olhar para a inserção dos narradores. Lembremos que a historiografia literária ocidental ressaltou, por muitos anos, a produção masculina. Tal produção nem sempre cuidou para que histórias de violência cometidas contra mulheres fossem narradas por protagonistas mulheres, por isso a importância do papel de quem narra, afinal a depender do ângulo do narrador teremos uma versão da história ou parte dela.

Em “A gaiola”, o tom introspectivo da narradora protagonista faz com que o leitor implícito compactue daquela dor; ao passo que no conto “O frade”, o narrador onisciente, ao trazer relatos de várias mulheres melancólicas, reforça o adoecimento não apenas de uma pessoa, mas daquela sociedade. Graças, também, ao manejo dos narradores, atestamos que a violência contra as mulheres independe do local, não se instalando mais intensamente no campo ou na cidade, afinal estamos falando sobre formações discursivas que perduram há anos, embora o meio rural ainda preserve de forma mais intensa discursos misóginos.

Por fim, enaltecemos o papel da literatura. Por meio do discurso literário, muitas escritoras conseguiram contar histórias de mulheres dominadas, confinadas e encarceradas no espaço doméstico, vítimas de agressão física e psicológica. Provavelmente a arte literária não conterà atos violentos, mas pode mobilizar discursos, posições narratológicas, exemplos, relatos e ideias para a “constituição de orientações éticas individuais e coletivas” (GINZBURG, 2012, p. 106).

## Referências

ARBOIT, Jaqueline et al. Violência doméstica contra mulheres rurais: práticas de cuidado desenvolvidas por agentes comunitários de saúde. **Saúde e Sociedade**, v. 27, p. 506-517, 2018. Disponível em <  
<https://www.scielo.org/article/sausoc/2018.v27n2/506-517/pt/>> Acesso em: 15 abr. 2023.

BITTENCOURT, Maria Vitoria. As lágrimas de Maria. In: QUINET, Antonio (org.). **Extravios do desejo: depressão e melancolia**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002. p. 255-262.

CARVALHO, Andressa Veras de. Violência contra a mulher no meio rural brasileiro: uma revisão integrativa. **Aletheia**, Canoas, v.52, n.2, p.166-177, dez. 2019. Disponível em  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141303942019000200014&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141303942019000200014&lng=pt&nrm=iso) Acesso em: 15 abr. 2023.

COELHO, Nelly Novaes. **A Literatura Feminina no Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Siciliano, 1993.

FARO, Augusta. "A gaiola". In: FARO, Augusta. **A friagem**. São Paulo: Global, 2001. p. 33-42.

FARO, Augusta. "O frade". In: FARO, Augusta. **A friagem**. São Paulo: Global, 2001. p. 137-149.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010. p. 127-144.

GINZBURG, Jaime. **Literatura, violência e melancolia**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**. O município e o regime representativo no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LEITE, J. F.; DIMENSTEIN, M.; DANTAS, C. B.; SILVA, E. L.; MACEDO, J. P. & SOUZA, A. P. (2017). Condições de vida, saúde mental e gênero em contextos rurais: um estudo a partir de assentamentos de reforma agrária do Nordeste

brasileiro. **Avances en Psicología Latinoamericana**, 35(2), 301-316.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.

NATALI, Marcos Piason. **A política da nostalgia**. São Paulo: Nankin, 2006.

PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 18, n. 52, p. 223-238, dez. 2004. Disponível em:  
[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000300015&script=sci\\_arttext&lng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000300015&script=sci_arttext&lng=pt). Acesso em: 25 abr. 2023.

QUEIROZ, Christina. **Modos de libertação e sobrevivência: Mulheres escravas usavam estratégias para conseguir comprar a alforria e trabalhar como libertas**. Pesquisa Fapesp. Disponível em:  
<https://revistapesquisa.fapesp.br/modos-de-libertacao-e-sobrevivencia/> Acesso em: 20 abr. 2023.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

TELES, Gilberto Mendonça. **Estudos Goianos II: A crítica e o princípio do prazer**. Ed. UFG, 1995.

TELES, Gilberto Mendonça. Entrevista. **Revista UFG**, Junho 2009, Ano XI nº 6.  
[https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/694/o/06\\_gilberto.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/694/o/06_gilberto.pdf) Acesso em: nov. 2023.

WOOLF, Virginia. **Mulheres e ficção**. Tradução de Leonardo Fróes. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Literatura e gênero: a construção da identidade feminina**. 2. ed. Caxias do Sul, RS: Educs, 2013.